

# Medo e evitação na direção de veículos: características de motoristas que nunca dirigiram após obtenção da Carteira Nacional de Habilitação

*Fear and avoidance of driving vehicles: characteristics of drivers who never drove after taking the Driver's License*

Jessye Almeida Cantini<sup>1</sup>, Letícia Ribeiro<sup>2</sup>, Simone Maria Hazin Paes de Andrade<sup>1</sup>, Valeska Martinho Pereira<sup>1</sup>, Antonio Egídio Nardi<sup>1</sup>, Adriana Cardoso Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

**Introdução:** Dirigir é fundamental na sociedade contemporânea, facilitando a mobilidade e a independência das pessoas. Portanto, aqueles com dificuldades em guiar um veículo podem experimentar sensações de limitação, estresse emocional e fracasso. **Objetivo:** Este estudo visa abordar descritivamente uma amostra de 93 pessoas habilitadas que buscaram por treinamento para motoristas, mas que não conseguiram dirigir após receber a Carteira Nacional de Habilitação. **Métodos:** Os dados foram coletados em centro de treinamento especializado em pessoas com medo de dirigir. Os participantes preencheram um formulário dicotômico e realizaram uma entrevista objetiva com um psicólogo. Nas duas fases, consideramos respostas autorreferidas dos participantes. **Resultados:** A maioria da amostra é do sexo feminino (89,2%), com idade entre 21 e 40 anos (59%). Entender as dificuldades no desenvolvimento dessas pessoas como motoristas é difícil, porém a necessidade foi o principal fator para a busca pelo treinamento. O medo de dirigir parece estar associado à falta de prática, sendo as preocupações acerca de causar acidentes, de errar e de perder o controle da situação suas principais manifestações. **Conclusão:** Muitos dados encontrados neste estudo são compatíveis com os achados da literatura mundial. Porém, percebemos algumas limitações. Mais estudos serão necessários para avaliar o medo de dirigir.

## Palavras-chave

Medo, veículos automotores, condução de veículo, transtornos fóbicos.

## ABSTRACT

**Introduction:** Driving is a fundamental part of living in contemporary society, making easier people's mobility and independence. For this reason, those who have difficulties to drive can experience feelings of limitation, emotional stress and failure. **Objective:** The present study aims to analyze descriptively a sample of 93 licensed people that searched for specialized training, but never drove after taken the driver's license. **Methods:** Data was collected at

Recebido em  
14/12/2012  
Aprovado em  
7/4/2013

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Instituto de Psiquiatria (IPUB), Laboratório de Pânico e Respiração.  
2 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação.

Instituição onde o trabalho foi elaborado: Laboratório de Pânico e Respiração, Instituto de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio de Janeiro, INCT Translational Medicine.

Endereço para correspondência: Jessye Almeida Cantini  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psiquiatria, Laboratório de Pânico e Respiração  
Rua Visconde de Pirajá, 407/702 – 22410-003 – Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
Telefone: (55 21) 3298-1020/Celular: (55 21) 7941-2626  
E-mail: jessyecantini@yahoo.com.br

## Keywords

Fear, automobile vehicles, automobile driving, phobic disorders.

a training center for people with fear of driving. The participants filled a dichotomic form and were interviewed by a psychologist. In both phases, we considered self-report answers. **Results:** Most of the sample are women (89,2%), aged between 21 e 40 years old (59%). Understanding which reasons prevented the development of these people while drivers is hard, but necessity seems to be the major factor in seeking training. Fear of drive seems to be associated to lack of practice. Concerns about causing an accident, making errors and lose the control of the situation are the main cognitive symptoms of this fear. **Conclusion:** Many founds of this study are compatible with the world literature about fear of drive. However, some limitations were found. More studies are necessary to evaluate fear of driving.

## INTRODUÇÃO

Dirigir é parte fundamental da vida na sociedade contemporânea, facilitando a mobilidade e a independência das pessoas. Por esse motivo, aqueles que sentem dificuldades em guiar um veículo podem experimentar sensações de limitação interpessoal e ocupacional, estresse emocional e fracasso<sup>1,2</sup>. A ansiedade de dirigir pode ser experimentada de diversas formas: desde um nível subclínico, em que o medo e a ansiedade são adaptativos, até intensidades mais severas desses sentimentos, impossibilitando a pessoa de realizar tal comportamento<sup>3</sup>.

Os primeiros estudos nessa área tinham como foco as consequências psicológicas nas vítimas de acidentes de trânsito. Nesses estudos, notou-se que o diagnóstico de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e o medo de dirigir eram relativamente comuns em indivíduos envolvidos em acidentes. No entanto, estudos com população geral, ou seja, com pessoas que não experimentaram um evento traumático, são escassos. Ainda assim, parte da população parece também apresentar esse medo. Com isso, não há dados conclusivos sobre a prevalência do medo de dirigir na população em geral<sup>3,4</sup>.

A literatura disponível sobre a epidemiologia do medo de dirigir na população geral apresenta taxas entre 7% e 8%<sup>5</sup>, sendo a maioria das pessoas com esse problema do sexo feminino. Esse índice pode chegar a 92%, segundo estudos conduzidos especificamente com pessoas que possuem medo de dirigir<sup>3,6,7</sup>. A idade não parece ser determinante para a incidência do medo de dirigir, sendo a saúde, especialmente os problemas relacionados à visão, um fator mais relevante<sup>5,8,9</sup>.

### Dificuldades diagnósticas

De acordo com o DSM-IV<sup>10</sup>, o medo de dirigir pode ser diagnosticado como uma fobia específica. Porém, um diferencial importante para a conceituação dos transtornos de ansiedade é compreender os pensamentos envolvidos nas reações de medo. Sendo assim, há diversos tipos de medo de dirigir<sup>7</sup>, e alguns deles mais se parecem com outros transtornos do que com uma fobia específica. Taylor *et al.*<sup>7</sup> sugerem que o

medo de dirigir pode ser uma manifestação relacionada a outros transtornos de ansiedade, como agorafobia, transtorno do pânico, fobia social, transtorno do estresse pós-traumático e transtorno obsessivo-compulsivo.

Taylor *et al.*<sup>11</sup> identificaram que motoristas com sinais e sintomas de medo e ansiedade cometem mais erros na direção do que motoristas sem essa dificuldade, realizando o uso incorreto das faixas, corrigindo ações tomadas, alterando inadequadamente a velocidade do veículo e realizando de forma equivocada a troca de marchas com mais frequência, por exemplo. Além disso, há evidências de que relatos de pessoas que afirmam não gostar de dirigir estão relacionados com a falta de controle e de erros frequentes<sup>2,12</sup>.

Apesar de haver centros de treinamento para habilitados especializados no tratamento de pessoas com esse problema, ainda não temos conhecimento de uma pesquisa envolvendo esses sujeitos. O presente estudo visa abordar de forma descritiva uma amostra de 93 pessoas já habilitadas para direção de acordo com as normas governamentais vigentes, mas que não conseguiram dirigir após receber a Carteira Nacional de Habilitação. Com isso, será possível identificar o perfil dessa população, incluindo os fatores que impediram o desenvolvimento desses sujeitos como motoristas, suas principais motivações para dirigir e os principais sinais e sintomas vivenciados por essas pessoas.

## MÉTODOS

Realizado estudo observacional transversal envolvendo coleta de dados de 93 sujeitos de ambos os sexos que buscaram treinamento para motoristas em um centro especializado. Todos os participantes relataram não ter dirigido nenhuma vez após a emissão da carteira nacional de habilitação. Participaram do estudo homens e mulheres com idade entre 21 e 67 anos.

Todos os participantes responderam à entrevista objetiva aplicada por psicólogo, na qual foram questionados dados de identificação (idade, estado civil, escolaridade e profissão)

e questões relativas à prática da direção de veículos, incluindo se o sujeito possuía CNH; tempo transcorrido entre a obtenção da CNH e o momento da entrevista; frequência com que dirigia ou dirige veículos automotores; intensidade de trânsito nos percursos em que dirigia(e); necessidade ou não de acompanhante no veículo para exercer o comportamento de direção. Foi questionado, ainda, se o sujeito possui veículo; se passou por alguma situação traumática relacionada ao comportamento de direção e, em caso positivo, que tipo de trauma ocorreu. Também foi verificado se houve prática de direção mesmo antes da obtenção da CNH e habilidades específicas relacionadas à prática de direção que os sujeitos consideraram necessárias para aprendizado. As questões referentes a essas habilidades específicas foram formuladas com o apoio técnico de profissionais instrutores de direção com ampla experiência em treinamento de condutores. Também foi questionado se estavam sob quaisquer tratamentos médicos e se já haviam realizado tratamento psicológico de qualquer espécie. A duração da entrevista era de aproximadamente 25 minutos.

Em seguida, os sujeitos foram convidados a preencher um formulário contendo diversos sinais e sintomas, tanto cognitivos (por exemplo: medo de acidente, medo de errar) quanto emocionais (por exemplo: vontade de chorar), comportamentais (por exemplo: vontade de brigar) e físicos (por exemplo: sudorese, palpitação, dor de cabeça), de modo dicotômico em termos de presença ou ausência deles. O conjunto de sinais e sintomas foi elaborado por um grupo de profissionais envolvendo especialistas em treinamento de direção e especialistas em saúde mental. Uma vez formulado todo o conjunto de sinais e sintomas e aprovado pelos profissionais especialistas que atuaram também como juízes, o instrumento foi aplicado experimentalmente em um grupo de mais de 50 respondentes, de modo a garantir que não havia dificuldade no entendimento de nenhum dos termos utilizados. Apenas após ser constatado que o instrumento não possuía qualquer dificuldade em sua compreensão, iniciou-se sua utilização para coleta de dados do presente estudo.

O estudo sobre medo de dirigir foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psiquiatria da UFRJ e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## RESULTADOS

### Características da amostra

A amostra é composta por 93 pessoas, sendo 83 (89,2%) mulheres e 10 (10,2%) homens. O tempo da Carteira de Habilitação variou entre alguns meses e 26 anos. Além disso, do total da amostra, 77 pessoas possuíam veículo disponível. É importante frisar que 25 indivíduos disseram recorrer ou já ter recorrido à psicoterapia em algum momento de suas vidas.

As características sociodemográficas da amostra pesquisada serão apresentadas resumidamente na tabela 1.

**Tabela 1.** Características sociodemográficas da amostra total

Características	N (%)
<b>Idade</b>	
21-25	9 (9,7)
26-30	22 (23,6)
31-35	13 (14)
36-40	11 (11,8)
41-45	13 (14)
46-50	6 (6,5)
51-55	13 (14)
56-60	4 (4,3)
61-65	-
66-70	2 (2,1)
<b>Estado civil</b>	
Solteiro	32 (34,3)
Casado	53 (57)
Divorciado	5 (5,4)
Viúvo	2 (2,2)
União estável	1 (1,1)
<b>Escolaridade</b>	
Ensino fundamental	2 (2,2)
Ensino médio	33 (35,5)
Ensino superior	51 (54,8)
Pós-graduação	7 (7,5)
<b>Ocupação</b>	
Atividade remunerada	81 (87,1)
Atividade não remunerada	10 (10,8)
Aposentado	2 (2,1)
<b>Tempo de CNH (em anos)</b>	
0-5	35 (37,6)
6-10	23 (24,7)
11-15	24 (25,8)
16-20	8 (8,6)
21-25	2 (2,2)
26-30	1 (1,1)
<b>Possui veículo</b>	
Sim	77 (82,8)
Não	16 (17,2)

### Fatores que dificultaram o desenvolvimento das habilidades na direção

Dentre as pessoas que participaram deste estudo, 45,2% afirmaram que não possuíam veículo na ocasião da emissão da Carteira de Habilitação e que esse foi um fator importante para impedir seu desenvolvimento como motorista. Além

disso, 10,8% das pessoas indicaram que poderiam tentar dirigir no carro de terceiros, mas não se sentiam à vontade para treinar, mesmo que eles disponibilizassem o veículo.

Em relação ao medo de dirigir, 50,5% dos participantes responderam que esse foi um dos principais motivos para evitar a direção. Além desse fator, a falta de prática foi relatada por 33 (35,5%) pessoas como uma questão que, em longo prazo, reforçou ainda mais a decisão de não dirigir.

Quanto à ocorrência de experiências negativas traumáticas, 17 (18,3%) pessoas afirmaram ter passado por alguma situação desagradável. Porém, dentre elas, apenas 7 (7,5%) pessoas apontaram que esse evento foi decisivo para o comportamento evitativo em relação à direção.

Mais fatores relevantes para as pessoas não dirigirem foram o comodismo (15,1%), a falta de incentivo (12,9%), recebimento de críticas constantes no período da autoescola (8,6%), conduta adotada pelos instrutores (6,4%), intolerância aos próprios erros (8,6%) e outros motivos, como adoecimento e mudanças para outros locais de moradia com o trânsito diferente do de onde aprenderam a dirigir (8,6%).

### Principais motivações para retomar a direção

Apesar das dificuldades, as 93 pessoas dessa amostra procuraram por treinamento para retomarem a direção. Para 74 (79,6%) pessoas, a necessidade foi um fator relevante para essa tomada de decisão. Além disso, 33 (35,5%) pessoas apontaram que a independência era um fator motivador. Para 40 (43%) pessoas, dirigir significava a realização de uma vontade própria.

Outros motivos para a busca pelo treinamento foram a mobilidade (31,2%), a comodidade (12,9%), o lazer (12,9%), uma promoção no trabalho (6,5%), a pressão de outras pessoas (4,3%), obrigação (3,2%) e outros motivos, como a compra de um veículo (3,2%).

### Déficits na habilidade de dirigir

Ao procurar pelo treinamento, a maioria das pessoas se queixou de: não ter boa noção de espaço (91,4%), ter dificuldade para estacionar (90,3%), não saber sair com o carro em uma subida (90,3%), ter dificuldade em dirigir em tráfego intenso (89,2%), não conseguir dirigir sozinhas (89,2%) e não dominar o trajeto de casa para o trabalho (83,9%). Além disso, queixas como de não saber estacionar na própria garagem (82,8%), não dirigir em rodovias (82,8%), não dominar todas as marchas (81,7%) e não conseguir fazer curvas rápidas (78,5%) também foram bastante frequentes.

É interessante ressaltar que 73,1% dos participantes relataram precisar aprender a dirigir novamente. Essas opções foram disponibilizadas como uma lista de habilidades básicas, em que os participantes deveriam assinalar o que tinham dificuldade e gostariam de aprender no decorrer do treinamento.

### Sintomatologia

A princípio, nem todos os participantes declararam sentir medo de dirigir. Porém, independentemente dessa declaração, alguns sintomas fisiológicos autorreferidos foram identificados nessa amostra. Do total, 37,6% das pessoas relataram sentir tremedeira, 34,4% disseram ter sudorese e 29% apontaram inquietação ao tentar dirigir ou pensar em realizar essa ação. Além disso, 19,4% das pessoas relataram palpitação, 19,4% apontaram que sentem calores ou calafrios independentes de fatores climáticos, 4,3% disseram sentir dores de cabeça e 3,2% disseram sentir formigamento.

As seguintes cognições foram relatadas pelas pessoas dessa amostra: medo de errar (75,3%), medo de causar um acidente (72%) e medo de perder o controle da situação (61,3%). Além disso, 59,1% dos sujeitos disseram sentir aflição, 23,7% relataram sentir vergonha das outras pessoas e 23,7% apontaram ter vontade de desistir. A impaciência foi apontada por 20,4% das pessoas, enquanto 19,4% relataram sentir vontade de chorar, 17,2% disseram ter dificuldade de concentração e 3,2% frisaram sentir vontade de brigar.

### DISCUSSÃO

Este estudo foi conduzido com o objetivo de definir o perfil da população com medo de dirigir e que procura por treinamento especializado, uma vez que não temos conhecimento de outras pesquisas com esse mesmo objetivo, seja nacional ou internacionalmente. Todos os 93 indivíduos desta amostra possuíam carteira de habilitação, não dirigiram após a emissão desse documento por algum motivo e buscaram por treinamento para se tornarem motoristas. A maioria deles (89,2%) era de mulheres, o que corrobora os estudos sobre a população com medo de dirigir em geral, realizados por Ehlers *et al.*<sup>13,14</sup>, Herda *et al.*<sup>15</sup>, Taylor e Deane<sup>6,16</sup>, Taylor *et al.*<sup>7</sup> e Taylor e Paki<sup>5</sup>.

Assim como descrito anteriormente<sup>5,8,9</sup>, a idade não pareceu ser um fator determinante para o medo de dirigir. Em uma amostra heterogênea de 190 participantes, pesquisadores<sup>6,7</sup> identificaram que 66% da população estudada tinha idade entre 30 e 59 anos. Além disso, encontramos na literatura um considerável material sobre medo de dirigir na população a partir de 55 anos, com foco no envelhecimento<sup>8-10,17-21</sup>. Porém, chamou nossa atenção o fato de 59% de nossa amostra ter idade entre 21 e 40 anos, sendo uma parcela significativa da população estudada (23,6%) consideravelmente jovem, com idades entre 26 e 30 anos.

Entre a ocupação dos participantes deste estudo, identificamos que a grande maioria exercia uma atividade remunerada (87,1%) e possuía um veículo disponível (82,5%). Além disso, a maior parte dessa população apresentou nível de escolaridade superior (62,3%, contando também com pessoas

pós-graduadas). Taylor *et al.*<sup>22</sup>, ao estudarem uma amostra de 50 mulheres na Nova Zelândia, selecionadas a partir de anúncios na mídia, identificaram que a taxa de pessoas com ocupação remunerada era pouco superior a 50% e que, em média, o tempo de estudo era de 12,17 anos. Essas informações, apesar de interessantes, por não encontrarmos outros dados similares na literatura, são insuficientes para estabelecermos uma relação. Em primeiro lugar, nossa amostra é heterogênea em relação ao gênero, enquanto a pesquisa dos autores acima foi realizada somente com mulheres. No mais, além de ambas as amostras serem numericamente restritas, a presente pesquisa foi conduzida em uma empresa privada.

Em relação ao tempo da carteira de habilitação, Taylor *et al.*<sup>11</sup>, num estudo com uma amostra de 50 sujeitos de ambos os sexos com medo de dirigir, identificaram que as pessoas com esse problema costumam aprender a realizar essa ação mais tardiamente que as pessoas sem medo. Em nossa amostra, identificamos que 37,6% das pessoas tiveram seu documento emitido entre alguns meses e cinco anos, o que consideramos recente. Essa informação nos leva a refletir acerca dos fatores que dificultaram o desenvolvimento dessas pessoas como motoristas, passando inclusive pelo processo de aprendizagem vivenciado pelos participantes na ocasião das aulas de direção na autoescola, uma vez que 73,1% da população estudada apontaram que não tinham domínio do carro e que necessitavam reaprender a dirigir.

Entender quais os principais motivos que impediram essas pessoas de se desenvolverem como motoristas é difícil, uma vez que cada participante pode ter apontado mais de uma razão. Taylor *et al.*<sup>7</sup>, ao tratarem do foco desse medo, explicam que cadeias de eventos percebidos como perigosos ou decisivos para não dirigir podem surgir como uma reação em cadeia em que a ordem dos elementos não é clara. Acreditamos que o mesmo ocorre ao lidarmos com os fatores que impediram o desenvolvimento dessas pessoas na direção: não ter treinado o suficiente para se sentir seguro e não ter um veículo disponível para realizar essa ação pode contribuir diretamente para o medo de dirigir, porém não se sabe se o medo foi o motivo principal que levou a uma evitação secundária.

Outra questão que chama a atenção é a habilidade autorreferida dos participantes para encarar situações de trânsito. Não foram encontradas referências sobre esse assunto na literatura. Porém, podemos traçar um paralelo com outros transtornos em que podem estar associados problemas relacionados a um baixo desempenho, como a fobia social. Identificar os déficits e habilidades nesses casos é importante para traçar metas de avaliação e intervenção<sup>23-25</sup>. Neste estudo, entendemos como fundamentais para um motorista algumas habilidades, como noção de espaço, manobras específicas, domínio de todas as marchas, domínio do volante e de curvas e autonomia para dirigir sozinho em diferentes tipos de trânsito. A grande maioria da amostra (91,4%) identificou dé-

ficit em pelo menos um fundamento da direção, e 73,1% relataram que gostariam de reaprender a dirigir e assim desenvolver todas as habilidades necessárias. Percebemos, então, que um dos grandes problemas para essas pessoas é a falta de conhecimento e de treino, uma vez que receberam apenas as instruções da autoescola e não mais tentaram dirigir. Segundo Taylor *et al.*<sup>7</sup>, pessoas menos habilidosas apresentam mais medo de conduzir um veículo automotor.

Apesar de a ação de dirigir estar muitas vezes associada a liberdade e independência<sup>1,2,4,14</sup>, para 79,6% da amostra a necessidade de dirigir foi citada como um fator fundamental para procurar pelo treinamento. A busca pela independência foi relevante para 35,5% dos participantes deste estudo, enquanto 43% buscavam pela realização de um desejo pessoal. Além disso, 31,2% citaram que a mobilidade é um fator decisivo e 6,5% procuraram pelo treinamento por conta de uma promoção no trabalho. Como vimos anteriormente, a maioria da amostra é composta por pessoas laboralmente ativas, todas residentes de centros urbanos. Essa condição pode ter influenciado no fato de, para muitos participantes, a necessidade estar associada à direção.

Sobre a classificação do medo de dirigir, Taylor *et al.*<sup>7,22</sup> sugerem quatro categorias. A primeira delas se refere ao medo de sofrer um acidente ou ferir a si ou a terceiros; a segunda se refere ao medo de situações, ocasiões ou manobras específicas; a terceira categoria está relacionada ao medo de sofrer um ataque de pânico ou sentir fortes sintomas de ansiedade; e a quarta categoria se refere a questões sociais (ser criticado por terceiros e ser ofendido, por exemplo). No presente estudo, obtivemos alta prevalência de pessoas com medo de causar acidente (72%), e os problemas com a direção associados às questões sociais apareceram em 23,7%. O medo de perder o controle da situação<sup>7</sup> foi bastante marcante nessa amostra. Já o medo de cometer erros, não importando a situação ou a gravidade, muito marcado na população estudada, não foi encontrado em outro estudo. Para compreender melhor essa situação, seria importante entender quais as consequências antecipatórias essas pessoas imaginam que seus erros teriam.

A sensação de aflição também foi bastante marcante, presente em 59,1% das pessoas estudadas. Apesar de não usarmos uma unidade de medida para uma comparação mais precisa, tal achado parece substancialmente elevado em relação aos demais estudos encontrados na literatura. Em seus estudos com 190 pessoas com medo de dirigir, Taylor e Deane<sup>6,16</sup> encontraram uma porcentagem de 37,5% a 42,5% de participantes com aflição mediana em relação à direção.

Percebemos, então, que elementos cognitivos (pensamentos sobre errar, causar acidentes e perder o controle da situação) estavam mais presentes na amostra estudada que as manifestações fisiológicas de medo e ansiedade. Dentre eles, o tremor muscular foi o mais relatado, presente em 37,6% da população. Geralmente, os estudos encontrados

não são claros quanto aos sintomas fisiológicos isolados de suas amostras, pois os autores utilizam escalas específicas com o objetivo de identificar os níveis da ansiedade dos participantes. A ausência desses instrumentos de medida é uma considerável limitação deste estudo. Porém, é interessante apontar que foi encontrada uma correlação moderadamente forte entre os pensamentos negativos e as reações fisiológicas numa amostra de 190 neozelandeses<sup>6</sup>. Dada a alta incidência dos sintomas cognitivos e uma considerável ocorrência dos sintomas corporais, é provável que o mesmo ocorra com esta amostra. Porém, para chegarmos a tal conclusão, mais estudos deverão ser realizados.

Outra questão interessante é a baixa incidência nesta amostra de pessoas que sofreram ou causaram um acidente de trânsito e que procuraram por treinamento para habilitados. Apenas 7 pessoas (7,5%) relataram que uma experiência traumática foi um motivo para não se desenvolverem como motoristas. Em seu estudo com 50 mulheres, Taylor *et al.*<sup>21</sup> identificaram que 21% de sua amostra eram vítimas de pelo menos um acidente. Já num estudo envolvendo 190 participantes de ambos os sexos, Taylor e Deane<sup>6</sup> encontraram vítimas de acidentes em 29% da população estudada. A literatura acerca do medo de dirigir é originária de estudos com vítimas de acidentes, sendo o foco do interesse dos autores voltado para as consequências psicológicas oriundas dessa situação<sup>4</sup>. Foi constatado que o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e os relatos sobre medo de dirigir eram relativamente comuns nessas pessoas<sup>26-32</sup>. Nesses estudos, as vítimas de acidentes foram recrutadas por meio de registros da ocorrência do acidente. Porém, nossa amostra foi selecionada por meio de pessoas que buscaram por ajuda para superar a dificuldade em dirigir, o que pode ser bastante significativo para compreendermos uma taxa tão reduzida de vítimas de acidente neste estudo. Se o índice de TEPT é alto em pessoas que sofreram acidentes de trânsito, é possível que indivíduos realmente comprometidos por esse transtorno não busquem por auxílio para voltar a dirigir. Em contrapartida, é importante citar que estudos mais recentes identificaram que não necessariamente o medo de dirigir está relacionado a algum acidente ou a um condicionamento direto, e a maioria da população que relata dificuldade em dirigir não passa por uma situação dessas<sup>6</sup>. Porém, pessoas que não passaram por acidentes de trânsito podem ter mais medo que uma vítima de acidente envolvendo veículos ou a direção.

Em uma amostra de 50 pessoas com medo de dirigir, Taylor *et al.*<sup>11</sup> identificaram uma incidência de pelo menos um transtorno de ansiedade em 46% dos participantes. Além disso, Taylor e Deane<sup>6</sup>, ao estudarem uma amostra de 190 pessoas na Nova Zelândia, identificaram que 39% das pessoas já haviam buscado por um profissional de saúde mental por problemas pessoais ou emocionais. Em relação aos participantes deste estudo, identificamos que 26,9% das

pessoas relataram ter buscado por psicoterapia em algum momento da vida. Além de a presente amostra ser menor do que a dos autores neozelandeses, essa discrepância pode estar relacionada a diferenças culturais entre os dois países.

Apesar de termos chegado a um perfil da população que procura por treinamento em centros especializados para tratar o medo de dirigir, percebemos algumas limitações neste estudo. Uma das questões a serem reportadas foi a ausência de instrumentos de medida validados para a coleta dos dados. Outro fator que merece atenção é a discrepância entre as respostas preenchidas pelos próprios participantes, oriundas do questionário, e as coletadas pelos psicólogos durante as entrevistas. Por se tratarem de dois momentos distintos, notamos que alguns fatores podem ter influenciado, como uma possível inibição ao relatar uma dificuldade para outra pessoa e a tendência do psicólogo em assinalar os dados de acordo com sua interpretação. Visamos desenvolver novos estudos acerca da população com medo de dirigir utilizando instrumentos de medida mais estruturados, a fim de avaliar melhor esse problema. Para isso, devemos explorar as dificuldades diagnósticas que envolvem o medo de dirigir, buscar mais informações sobre a incidência de pessoas com transtornos que apresentam esse problema e a ocorrência dessa limitação na população em geral.

## CONCLUSÃO

No presente estudo, objetivamos traçar um perfil das pessoas que buscam por treinamento em centros especializados para habilitados com medo de dirigir. Analisamos uma amostra de 93 pessoas, residentes em cinco centros urbanos brasileiros, que não dirigiram após a emissão da carteira de habilitação. Apesar de não termos informações precisas sobre a prevalência do medo de dirigir, estima-se que a população acometida por essa limitação seja significativa, dada a quantidade de centros de treinamento especializados nesse problema.

Na presente amostra, foi identificado que a maioria da população estudada era do sexo feminino (89,2%), o que está de acordo com a literatura disponível na área. Os sujeitos estudados eram relativamente jovens – 59% deles tinham entre 21 e 40 anos.

Na população estudada, identificamos prevalência de sintomas cognitivos sobre sintomatologia fisiológica. De acordo com a literatura disponível, houve alta incidência de pessoas com medo de causar acidentes, de perder o controle e de situações que gerem embaraço social. Porém, um dado ainda não estudado, muito relevante na amostra atual, foi a alta incidência de pessoas com medo de errar.

Foi identificado que 91,4% dos participantes deste estudo apresentavam algum déficit na habilidade de dirigir, dado que sugere que a falta de conhecimento e de treino pode ser

uma grande limitação para essas pessoas se desenvolverem como motoristas.

Acreditamos ser de grande relevância explorar essa população para melhor avaliar a ocorrência e a gravidade do medo de dirigir, bem como os fatores que levam à sua aquisição. Com isso, no futuro será possível traçar planos de tratamento adequados para minimizar esse problema.

## CONTRIBUIÇÕES INDIVIDUAIS

**Jessye Almeida Cantini** – Participou da coleta de dados e do delineamento do estudo e foi responsável por escrevê-lo.

**Leticia Ribeiro** – Participou da coleta de dados e do delineamento do estudo, atuando também na revisão crítica do material.

**Simone Maria Hazin Paes de Andrade** – Participou da coleta de dados e do delineamento do estudo, atuando também na revisão bibliográfica sobre o medo de dirigir.

**Valeska Martinho Pereira** – Atuou no delineamento do estudo e na revisão crítica do material.

**Antonio Egidio Nardi** – Atuou na coorientação do artigo.

**Adriana Cardoso e Silva** – Atuou na orientação do artigo, no delineamento do estudo e na revisão crítica do material.

## CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum dos autores apresenta conflito de interesses.

## AGRADECIMENTO

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

## REFERÊNCIAS

- Barbosa ME, Santos M, Wainer R. Terapia cognitivo-comportamental e medo de dirigir. In: Piccoloto NM, Wainer R, Piccoloto LB. Tópicos especiais em terapia cognitivo-comportamental. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2007. p. 141-60.
- Clapp JD, Olsen SA, Danoff-Burg S, Hagedwood JH, Hickling EJ, Hwang VS, et al. Factors contributing to anxious driving behavior: the role of stress history and accident severity. *J Anxiety Disord.* 2011;25:592-8.
- Taylor JE, Alpass F, Stephens C, Towers A. Driving anxiety and fear in young older adults in New Zealand. *Age Ageing.* 2011;40:62-6.
- Taylor JE, Deane F, Podd J. Driving-related fear: a review. *Clin Psychol Rev.* 2002;22:631-45.
- Taylor JE, Paki D. Wanna drive? Driving anxiety and fear in a New Zealand community sample. *N Z J Psychol.* 2008;37:31-6.
- Taylor JE, Deane FP. Acquisition and severity of driving-related fears. *Behav Res Ther.* 1999;37:435-49.
- Taylor JE, Deane FP, Podd JV. Determining the focus of driving fears. *J Anxiety Disord.* 2000;14(5):453-70.
- Ragland DR, Satariano WA, MacLeod KE. Reasons given by older people for limitation or avoidance of driving. *Gerontologist.* 2004;44(2):37-44.
- Donorfio LKM, D'Ambrosio LA, Coughlin JF, Mohide M. Health, safety, self-regulation and the older driver: it's not just a matter of age. *J Safety Res.* 2008;39:555-61.
- American Psychiatric Association (APA). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders.* 4th ed. Text revision. Washington, DC: American Psychiatric Press; 2000.
- Taylor JE, Deane FP, Podd JV. Driving fear and driving skills: comparison between fearful and control samples using standardized on-road assessment. *Behav Res Ther.* 2007;45:805-18.
- Clapp JD, Olsen SA, Beck JG, Palyo SA, Grant DM, Gudmundsdottir B, et al. The driving behavior survey: scale construction and validation. *J Anxiety Disord.* 2011;25:96-105.
- Ehlers A, Hofman SG, Herda CA, Roth WT. Clinical characteristics of driving phobia. *J Anxiety Disord.* 1994;8:323-39.
- Ehlers A, Taylor JE, Ehring T, Hofmann SG, Deane FP, Roth WT, et al. The driving cognitions questionnaire: development and preliminary psychometric properties. *J Anxiety Disord.* 2007;21:493-509.
- Herda C, Swinson RP, Kirby M. Diagnostic classification of driving phobia. *Anxiety Disord Pract J.* 1993;1:9-16.
- Taylor JE, Deane FP. Comparison and characteristics of motor vehicle accident (MVA) and non-MVA driving fears. *J Anxiety Disord.* 2000;14(3):281-98.
- Oswley C, McGwin G, McNeal SF. Impact of impulsiveness, venturesomeness, and empathy in driving by older adults. *J Safety Res.* 2003;34:353-9.
- Windsor TD, Anstey KJ. Interventions to reduce the adverse psychosocial impact of driving cessation on older adults. *Clin Interv Aging.* 2006;1(3):205-11.
- Donorfio LKM, D'Ambrosio LA, Coughlin JF, Mohide M. To drive or not to drive: the meaning of self-regulation among older drivers. *J Safety Res.* 2009;40:221-6.
- Betz ME, Lowenstein SR. Driving patterns of older adults: results from the second injury control and risk survey. *JAGS.* 2010;58(10):1931-5.
- Walker N, Fain WB, Fisk AD, McGuire CL. Aging and decision making: driving-related problem solving. *Hum Factors.* 1997;39(3):438-44.
- Taylor JE, Deane FP, Podd JV. Diagnostic features, symptom severity, and help-seeking in a media-recruited sample of women with driving fear. *J Psychopathol Behav Assess.* 2007;29:81-91.
- Heimberg RG. Cognitive and behavioral treatments for social phobia: a critical analysis. *Clin Psychol Rev.* 1989;9:107-28.
- Clark DA, Beck AT. *Terapia cognitiva para os transtornos de ansiedade.* Porto Alegre: Artmed; 2012.
- Caballo VE. *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento.* São Paulo: Santos; 2007.
- Taylor S, Koch WJ. Anxiety disorders due to motor vehicle accidents: nature and treatment. *Clin Psychol Rev.* 1995;15:721-38.
- Koch WJ, Taylor S. Assessment and treatment of motor vehicle accident victims. *Cog Behav Pract.* 1995;2:327-42.
- Blanchard EB, Hickling EJ, Taylor AE, Loos WR, Gerardi RJ. Psychological morbidity associated with motor vehicle accidents. *Behav Res Ther.* 1994;32:283-90.
- Blanchard EB, Hickling EJ, Taylor AE, Loos WR. Psychiatric morbidity associated with motor vehicle accidents. *J Nerv Ment Dis.* 1995;183:495-504.
- Blanchard EB, Hickling EJ, Taylor AE, Loos WR, Forneris CA, Jaccard J. Who develops PTSD from motor vehicle accidents? *Behav Res Ther.* 1996;34:1-10.
- Blaszczyński A, Gordon K, Silove D, Sloane D, Hillman K, Panasetis P. Psychiatric morbidity following motor vehicle accidents: a review of methodological issues. *Compr Psychiatry.* 1998;39:111-21.
- Kuch K, Cox BJ, Evans RJ. Posttraumatic stress disorder and motor vehicle accidents: a multidisciplinary overview. *Can J Psychiatry.* 1996;41:429-34.